

Ministro quer menos disparidade

O ministro do Interior, Ronaldo Costa Couto, advertiu ontem que a Assembleia Constituinte terá de se preocupar com a correção das disparidades regionais porque o País não suportará por muito tempo que alguns Estados explorem os outros.

Lamenta o ministro do Interior que não esteja havendo um debate sobre a futura Constituição na atual campanha eleitoral, pois a Constituinte decidirá para onde vamos. A seu ver, ou a futura Constituição atende às ansiedades nacionais ou a frustração será inevitável, com graves conseqüências.

ESTRUTURA

O Brasil não pode continuar sendo uma Belíndia, com regiões do nível da Bélgica e outras equivalentes às áreas mais pobres da Índia. Como disse o ex-presidente Tancredo Neves, que o nomeou o ministro e o escolheu para secretário em Minas, "talvez seja esta a última chance das elites; ou promoveremos as mudanças ou assistiremos à explosão da multidão dos deserdados".

Para Ronaldo Couto, essa é a missão da Assembleia Constituinte, que não deve somente fixar as regras gerais da sociedade, mas, principalmente, estabelecer o projeto do Brasil, que "não pode ser legítimo e democrático sem acabar com as disparidades regionais". "É preciso asse-

gurar a igualdade de oportunidades até para que possa existir a desigualdade" — acentua.

DISTORÇÕES

A realidade é que o Brasil subdesenvolvido é bem maior. Em extensão e em população. Dos 130 milhões de brasileiros, pelo menos 100 milhões podem ser considerados pobres. "Como Gunnar Myrdal deixou bem nitido, a região rica será mais rica porque é rica, enquanto a pobre será mais pobre porque é pobre".

Isso, de acordo com o ministro do Interior, não pode continuar. Tem de ser enfrentado na Constituinte. E o caminho é promover o debate sobre as desigualdades desde já, com intensidade mas com serenidade, dentro da perspectiva de que "o futuro das regiões ricas está atrelado ao das regiões pobres".

"São Paulo é sócio, mesmo que não saiba, do desenvolvimento dos outros Estados", disse.

OPÇÃO

O presidente José Sarney tem, a respeito, uma visão extraordinária e fez, segundo Costa Couto, "uma opção pelos pobres, pelas regiões mais sacrificadas". "Isso, porém, é uma decisão do Presidente, do Governo, quando a busca do equilíbrio nacional deveria ser uma conseqüência de preceitos constitucionais".

No passado, ao contrário, a filosofia do Governo foi de que os recursos deveriam ser concentrados em determinadas áreas para fazer crescer o bolo, que seria, no futuro, redistribuído. O desenvolvimento harmônico tem de ser, para ministro, uma filosofia da Nação, pois "não é possível um processo interno semelhante ao que o Brasil enfrenta em relação a outros países".

As chamadas regiões menos desenvolvidas são altamente promissoras. O Nordeste, nos últimos meses, tem crescido mais do que a Nação em todos os setores, o que é ótimo para a economia nacional. Contudo, não basta uma ação em termos de macrorregiões. É preciso enfrentar, também, os desníveis regionais, como tem acentuado o presidente Sarney.

"Para não ser fria, a Constituinte tem de empolgar. Para ser conseqüente, tem de consagrar os direitos e aspirações sociais do Brasil real. Não será, lógico, a panacéia ao subdesenvolvimento porque um país se constrói, basicamente, com trabalho, criatividade, recursos, fé e autoridade" — afirmou Costa Couto.

"Dizem que, para quem não sabe aonde vai, qualquer caminho serve. Na Constituinte tem de ficar claro para onde vamos e este caminho tem de ser o do novo povo, não o determinado por grupos econômicos ou linhas de riqueza", concluiu.